



UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONHA E MUCURI
Programa de Pós-Graduação em Educação em Direitos Humanos

Thales do Amaral Santos

**MAPEANDO A MINHA QUEBRADA: UM FELIZ ENCONTRO ENTRE O ENSINO
DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO
MÉDIO**

Diamantina
2024

Thales do Amaral Santos

**MAPEANDO A MINHA QUEBRADA: UM FELIZ ENCONTRO ENTRE O ENSINO
DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO
MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Programa de Pós-Graduação em Educação em
Direitos Humanos da Universidade Federal dos Vales
do Jequitinhonha e Mucuri, como requisito para
obtenção do título de especialista.

Orientadora: Profa. Leila de Cássia Faria Alves

**Diamantina
2024**

Catálogo na fonte - Sisbi/UFVJM

S237m Santos, Thales do Amaral

2025 MAPEANDO A MINHA QUEBRADA: UM FELIZ ENCONTRO ENTRE O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO ENSINO MÉDIO [manuscrito] / Thales do Amaral Santos. -- Diamantina, 2025.

36 p. : il.

Orientador: Prof. Leila de Cássia Faria Alves.

Monografia (Especialização em Educação em Direitos Humanos) -- Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos, Diamantina, 2024.

1. Educação em Direitos Humanos. 2. Ensino de Sociologia. 3. Territorialidades. 4. Cultura e Educação. I. Alves, Leila de Cássia Faria . II. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFVJM com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Este produto é resultado do trabalho conjunto entre o bibliotecário Rodrigo Martins Cruz/CRB6-2886 e a equipe do setor Portal/Diretoria de Comunicação Social da UFVJM

Thales do Amaral Santos

**MAPEANDO A MINHA QUEBRADA: UM FELIZ ENCONTRO ENTRE O
ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS NO
ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de
Especialista em Educação em Direitos Humanos, na
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e
Mucuri.

Orientador(a): Leila de Cássia Faria Alves

Data de aprovação 21/11/2024

Documento assinado digitalmente
 **LEILA DE CÁSSIA FARIA ALVES**
Data: 27/11/2024 13:55:55-0900
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Profa. Leila de Cássia Faria Alves
Diretoria de Educação Aberta e a Distância - UFVJM - Orientadora

Documento assinado digitalmente
 **ANDREY LOPES DE SOUZA**
Data: 22/02/2025 18:33:57-0900
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Prof. Andrey Lopes de Souza
Instituto de Ciência, Engenharia e Tecnologia - UFVJM

Documento assinado digitalmente
 **MÁRIO FERNANDES RODRIGUES**
Data: 22/02/2025 11:59:35-0900
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Prof. Mário Fernandes Rodrigues
Faculdade Interdisciplinar em Humanidades - FIH

Diamantina

2024

Dedico esta pesquisa a todas as pessoas que lutam pela educação pública e de qualidade, e que colocam seus corpos na luta para que toda e qualquer pessoa possa brilhar!

AGRADECIMENTOS

Para que este texto fosse escrito, muitas são as pessoas que ajudaram isso acontecer e que precisam ser citadas. Em primeiro lugar, agradeço aos meus estudantes, que tornam essa pesquisa algo possível e trazem todo o combustível para que eu busque sempre ser uma pessoa melhor na sala de aula.

Agradeço também à minha mãe, que me mostrou, desde pequeno, que a sala de aula pode ser um lugar de liberdade, apesar de todo o esforço e dedicação necessário. Agradeço aos meus amigos e familiares, por serem meu apoio, e me mostrarem as cores durante o percurso da vida.

Ao Marcelo Andrade, a estrela lá do céu que brilha sempre soltando purpurina para nós, profs da luta, aqui na Terra, eu não só agradeço, como dedico todo esse meu caminhar na educação, e mais ainda, na Educação em Direitos Humanos. É esse brilho no céu que se torna a minha grande utopia de nunca desistir da educação, e ao mesmo tempo, me permitir lutar por ela para além das salas de aula.

Agradeço à excelente orientadora Profa. Leila de Cássia Faria Alves. que soube conduzir todo esse trabalho com cuidado e atenção, valorizando cada página, mesmo aquelas em que eu não encontrava valor.

Agradeço a toda a equipe da especialização em Educação em Direitos Humanos, da UFVJM, que tornou essa oportunidade possível, inclusive à minha banca de defesa, que construiu esse trabalho muito mais bonito.

...

Será que você sabe que, no fundo, eu tenho medo
De correr sozinha e nunca alcançar?

Eu me encho de esperança, de algo novo que
aconteça

Quem despetala a rosa estará lá pro que aconteça?

Nuns dias, sou carente, completa, suficiente

Quero amor correspondente pra testemunhar

Quando eu alçar o voo mais bonito da minha vida

Quem me chamará de amor, de gostosa, de querida?

Que vai me esperar em casa, polir a joia rara

Ser o pseudofruto, a pele do caju

...

Caju - Liniker

RESUMO

A Educação em Direitos Humanos (EDH) pode e deve estar presente em todo o currículo do Ensino Médio. Contudo, muitas vezes é preciso aprofundar em investigações que possam facilitar e tornar possível, o encontro de algumas disciplinas com os princípios e habilidades motivados pela EDH. Esta pesquisa provoca o Ensino da Sociologia a buscar infestar seu currículo com a diversidade proposta pela sociedade, o respeito às diferenças e sobretudo identificar e valorizar as manifestações socioculturais dos territórios periféricos. A partir da cartografia de um projeto já desenvolvido em uma escola pública de Belo Horizonte, o “Mapeando Minha Quebrada”, esta pesquisa faz uma análise dos principais elementos desta prática pedagógica, associados à uma importante metodologia da EDH, as oficinas pedagógicas. Para o estudo, apresentamos autores como Vera Candau (2012) e Marcelo Andrade (2013), que descrevem com maestria a importância de abrir as portas da sala de aula para as diferenças presentes na sociedade. Um dos encontros dessa pesquisa é que a sociologia unida à Educação em Direitos Humanos se torna uma ferramenta fundamental para promover a conscientização e a transformação social, esse *feliz encontro* entre o ensino da Sociologia e a Educação em Direitos Humanos nos possibilitam acima de tudo, a construção de sujeitos mais conscientes de sua historicidade e subjetividades.

Palavras-chave: Educação em Direitos Humanos; Ensino de Sociologia; Territorialidades; Cultura e Educação

ABSTRACT

Human Rights Education (HRE) can and should be presented throughout the entire high school curriculum. However, it is often necessary to delve deeper into research that can facilitate and make the connection among certain subjects and the principles and skills encouraged by HRE more feasible. This research challenges the teaching of Sociology to enrich its curriculum with the diversity represented in society, respect for differences, and, above all, to identify and value the socio-cultural expressions of marginalized territories. Based on a project already developed in a public school in the city of Belo Horizonte, *Mapeando Minha Quebrada*, this research analyzes the key elements of this pedagogical practice, linked to an important HRE methodology—pedagogical workshops. For the study, we present authors such as Vera Candau (2012) and Marcelo Andrade (2013), who masterfully describe the importance of opening the classroom to the differences present in society. One of the findings is that sociology in high school, when united with Human Rights Education, becomes a fundamental tool to promote awareness and social transformation. This fruitful intersection between the teaching of Sociology and Human Rights Education allows, above all, the construction of individuals more conscious of their historicity and subjectivities.

Keywords: Human Rights Education; Sociology Teaching; Territorialities; Culture and Education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Etapas da Pesquisa Bibliográfica.....	15
Figura 2 - Cartela de Bingo	24
Figura 3 - Mapa construído por estudantes	25
Figura 4 - Mapa construído por estudantes	25
Figura 5 - Mapa construído por estudantes	26
Figura 6 - Mapa construído por estudantes	26
Figura 7 - Fotografia e texto produzidos por estudantes.	27
Figura 8 - Fotografia e texto produzidos por estudantes.	27
Figura 9 - Fotografia e texto produzidos por estudantes	28
Figura 10 - Fotografia e texto produzidos por estudantes	28
Figura 11 - Fotografia e texto produzidos por estudantes	29

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CNE - Conselho Nacional de Educação

CEB - Câmara de Educação Básica

DUDH - Declaração Universal dos Direitos Humanos

EDH - Educação em Direitos Humanos

ONU - Organização das Nações Unidas

SEEMG - Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFVJM - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

SUMÁRIO

MEMORIAL	11
1. INTRODUÇÃO.....	13
2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA LUTA CONSTANTE POR ESPAÇO NA SALA DE AULA	16
2.1 EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: AS OFICINAS PEDAGÓGICAS	18
2.2 PRÁTICAS EM CONJUNTO ENTRE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E O ENSINO DA SOCIOLOGIA.....	22
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

MEMORIAL

Antes de iniciar propriamente a apresentação da pesquisa, gostaria de fazer uma pequena apresentação sobre quem vos escreve, para que assim possamos compreender um pouco melhor os caminhos que este trabalho desenvolveu até a escrita da monografia. Eu, Thales do Amaral Santos, nasci na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Um menino gay, dentro de uma família e toda uma sociedade extremamente heteronormativa. Talvez por isso, desde pequeno, a desigualdade social despertou minha curiosidade. Ainda criança, reparava na grande quantidade de moradores de rua no centro da cidade e sempre me questionava quem eram aquelas pessoas e o porquê dormiam na rua. Quando entrei para o colégio, as aulas de Geografia e História geraram em mim o interesse pelo estudo das desigualdades sociais e do sistema capitalista.

Com o diploma de bacharel em Ciências Sociais me mudei para o Rio de Janeiro e comecei a trabalhar com a ONG AfroReggae. As favelas e a grande diversidade de pessoas e culturas da cidade sempre me despertaram curiosidade. Trabalhei em diversos projetos sociais que focavam na inserção social de minorias e pela sua colocação no mercado de trabalho.

Durante um ano e meio me dediquei a conseguir que pessoas travestigêneras¹, egressas do sistema prisional, moradoras de favelas e outras minorias, fossem contratadas pelo mercado de trabalho. Entretanto, com o passar do tempo, percebi que não estava nas minorias o principal problema de seu desemprego, mas nas pessoas que se recusavam a contratá-las. Percebi o quão forte é a discriminação e como ela pode interferir no desenvolvimento social. Decidi, então, que o meu foco deveria ser trabalhar com a questão da discriminação entre as pessoas.

Paralelamente a todo esse despertar, comecei a fazer um curso oferecido pela PUC-Rio, em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), de Educação em Direitos Humanos (EDH) que chamou ainda mais a minha atenção para a potência da educação em transformar as pessoas, desconstruindo preconceitos, incentivando e valorizando a diversidade de cada ser humano. No meu caso, percebi que o trabalho de sala de aula com a Sociologia seria o meu melhor caminho. Decidi começar o curso de Licenciatura em Sociologia.

De alguma forma, o diferente² me atrai, acredito que seja pela minha grande capacidade

¹ O conceito de pessoas travestigêneras se refere às pessoas travestis e transexuais/transgêneras. Este é um conceito apresentado pela militante e ativista assumidamente travesti Indianara Siqueira que afirma que, utilizar o termo pessoas trans, como se sugere pela norma formal da língua portuguesa, acaba por invisibilizar um importante grupo de pessoas que se assumem travestis. (NEM, 2015).

² A diferença aqui aparece como tudo e qualquer coisa que escapa ao padrão, ao que é posto pela sociedade como a norma.

de aprender com a diversidade e ao mesmo tempo perceber o quão importante é cada pessoa ser ouvida dentro de sua originalidade e valorizar aquilo que de alguma forma a sociedade tenta apagar por meio de seus padrões e normalidades.

Como disse anteriormente, a Educação em Direitos Humanos foi o que me levou para a sala de aula. Depois de praticamente 10 anos em salas de aula, fazer uma especialização dentro da temática, foi pra mim uma grande honra, e em diversos momentos me senti revigorado. A sala de aula é um lugar privilegiado no sentido de transformar a sociedade, e a EDH pode ser uma ferramenta fundamental neste processo. Por isso, esta pesquisa busca aproximar dois campos que estiveram presentes em minha trajetória desde o primeiro momento em que a educação se tornou um espalho de trabalho para mim: o ensino da sociologia no ensino médio, e a EDH.

São várias as práticas em que eu sempre trabalho esses dois eixos. Contudo, desenvolvi, junto aos meus estudantes uma experiência, em especial, com a qual eu gostaria de trazer visibilidade para esta prática pedagógica, o “Mapeando Minha Quebrada”. Ao mesmo tempo que acredito ser importante refletir e pensar criticamente sobre essa prática, a partir de autoras e autores da Educação em Direitos Humanos, em especial, dois deles com os quais tive a honra de conhecer e trabalhar junto, em um curto período em que morei no Rio de Janeiro: Vera Maria Ferrão Candau e Marcelo Gustavo Andrade de Souza (*In Memoriam*).

O projeto “Mapeando Minha Quebrada”, se faz necessário pois trata-se de um projeto desenvolvido nas aulas de sociologia do 1º ano do Ensino Médio, que tem como principal objetivo, construir debates com estudantes sobre Cultura, Sociologia Urbana e Identidade, a partir da construção de mapas socioculturais e afetivos do território onde está localizada a escola, e onde a maior parte dos/as estudantes residem. E é dele que discorro nas linhas que se seguem!

Apresentar esse memorial, se torna importante para que o texto tenha um direcionamento, um novo lugar, talvez de mais afeto, dentro desta pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

O “Mapeando Minha Quebrada” nasceu em 2016, quando assumi as aulas de sociologia dentro de uma instituição socioeducativa. Os jovens, cumprindo medida de internação em regime fechado, com idades entre 16 e 18 anos, chegavam na unidade com o vínculo com a educação formal completamente desestruturado, com históricos de diferentes violências dentro do espaço educacional, o que os deixavam completamente desmotivados e desmobilizados com a sala de aula.

Inicialmente eu tinha grandes dificuldades em trabalhar com esses jovens “que não queriam nada com a sala de aula” como muitos professores da instituição faziam questão de demarcar, até que um dia um adolescente me perguntou onde eu morava, e queria saber se eu conhecia aquele território. Eu não conhecia nenhum dos lugares que ele me descrevia, então ele me pediu um mapa para me explicar. Na aula seguinte, de posse do mapa do território daquele jovem, ele chama todos os estudantes e muito entusiasmado, começa a descrever todo o mapa mostrando sua casa, os locais onde ele trabalhava vendendo drogas, os locais de bailes funks, praça, quadras de futebol... Enfim, diversos temas a serem trabalhados com a Sociologia! Outros estudantes então me contaram onde moravam e, então, levei o mapa do território de cada jovem. Assim, foi possível fazer um amplo debate com todos a partir da história e elementos de cada território, tornando possível as aulas de Sociologia, com grande mobilização, e assim nasceu o Mapeando Minha Quebrada.

Dessa forma, durante esta pesquisa, descrevemos a prática desenvolvida desde 2016 com estudantes do ensino médio, descrevemos em especial, a experiência com estudantes do 1º ano do ensino médio da EE Geraldo Jardim Linhares, no ano de 2023, período em que consegui fazer o registro de todas as etapas do projeto. A partir deste momento, este projeto tomou vida e passou a fazer parte das aulas de sociologia.

Iniciamos o texto apresentando o memorial do autor desta pesquisa. Tal fato se faz necessário, como dito anteriormente, para direcionar o olhar do leitor, e marcar que esta pesquisa parte de um lugar, de uma história, de um conjunto de vivências. Em seguida, apresentamos a introdução do texto.

Na sessão a seguir, discorreremos sobre o panorama do Ensino da Sociologia no Ensino Médio para que as pessoas leitoras desta pesquisa, possam compreender melhor em que lugar se encontra o ensino da disciplina nas salas de aula, principalmente em relação à disputa de espaço travada desde o primeiro momento em que se pensa no trabalho das Ciências Sociais no Ensino Médio. Em seguida, mostramos uma trajetória histórica da Educação em Direitos

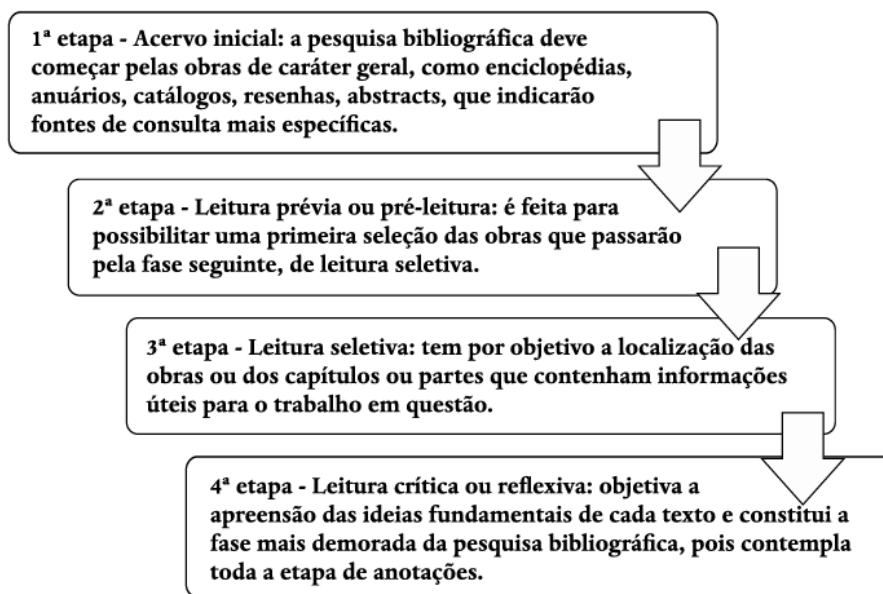
Humanos, seus principais desafios e potencialidades, para assim demonstrar a importância do Mapeando Minha Quebrada como uma prática alinhada a EDH. A partir do momento em que debatemos sobre a Sociologia e EDH, fazemos a apresentação do projeto em si, do mapeamento sociocultural e afetivo do território onde a escola está inserida, a partir de uma importante metodologia pedagógica baseada nos princípios da EDH, as oficinas pedagógicas. E por fim, costuramos um debate com importantes reflexões sobre a prática, não no intuito de finalizar a pesquisa, mas de abrir novas possibilidades de debate e fomentar o amplo caminho de pesquisa nas áreas da educação e direitos humanos.

Cabe destacar que a metodologia utilizada em toda essa pesquisa busca não somente ferramentas que possam nos auxiliar, mas façam parte da pesquisa, no intuito de construir um trajeto para atingir nossos objetivos. O método de pesquisa que melhor nos atende durante todo o processo é a Revisão Bibliográfica, e utilizar as informações levantadas na revisão, para o análise de um relato de experiência, por meio da proposta pedagógica do Mapeando Minha Quebrada. Para os autores Martins e Theóphilo (2016), a pesquisa bibliográfica:

Trata-se de estratégia de pesquisa necessária para a condução de qualquer pesquisa científica. Uma pesquisa bibliográfica procura explicar e discutir um assunto, tema ou problema com base em referências publicadas em livros, periódicos, revistas, enciclopédias, dicionários, jornais, sites, CDs, anais de congressos etc. Busca conhecer, analisar e explicar contribuições sobre determinado assunto, tema ou problema. A pesquisa bibliográfica é um excelente meio de formação científica quando realizada independentemente – análise teórica – ou como parte indispensável de qualquer trabalho científico, visando à construção da plataforma teórica do estudo. (Martins, Theóphilo, 2016, p. 52)

Seguindo as etapas de pesquisa bibliográfica (Figura 1) apresentadas por Soares, Picolli e Casagrande (2018), iniciamos o nosso trabalho com uma busca geral na plataforma Google Acadêmico com as seguintes palavras chaves: Educação em Direitos Humanos, Ensino da Sociologia, Território e Direitos Humanos, Mapeamento sociocultural. A partir dos textos mais recentes, fizemos uma leitura dos resumos para assim entender as temáticas que mais se relacionavam com a nossa pesquisa. E assim, fizemos a leitura e fichamento dos textos.

Figura 1 - Etapas da Pesquisa Bibliográfica



Fonte: (Soares; Picolli; Casagrande, 2018, p.13)

Em segundo momento, fizemos também uma seleção dos conteúdos apresentados no Curso de Especialização em Educação em Direitos Humanos ofertado pela UFVJM, para assim acessar materiais já trabalhados e discutidos durante as aulas da especialização. Em terceiro momento, separamos todos os materiais de registro que tinha a respeito do projeto Mapeando Minha Quebrada, do ano de 2023, para assim sistematizar a experiência e apresentá-la nesta pesquisa.

Cabe destacar que fez parte também desta pesquisa toda a minha experiência como professor de sociologia, e ao mesmo tempo que entende a educação como uma ferramenta importante de transformação social, baseando sempre o meu trabalho na EDH. Durante a minha trajetória, sempre trabalhei em escolas de periferias da cidade do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, ou com populações marginalizadas, como um cursinho popular para pessoas transgêneras, lugares onde a violação dos Direitos Humanos sempre esteve muito presente nos relatos de estudantes.

Dessa forma, o ensino da sociologia e a educação em direitos humanos enfrentam uma luta constante nos espaços das salas de aulas, e em certa medida, podem estar juntas, pois possuem características complementares que podem enriquecer a experiência educacional e contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais. Dito isto, se faz necessário discorrer um pouco mais sobre elas, que é o que faremos na próxima sessão.

2. O ENSINO DA SOCIOLOGIA E A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: UMA LUTA CONSTANTE POR ESPAÇO NA SALA DE AULA

A Sociologia é uma disciplina que constantemente precisa disputar espaços no Ensino Médio. Seu histórico de implementação é recente, apenas em 2006 houve sua obrigatoriedade por meio do Parecer CNE/CEB nº 38/2006, homologado pelo, então, Ministro da Educação e Cultura, Fernando Haddad. Cabe destacar que se trata de uma disciplina que fora retirada do currículo e retornou em diversos momentos.

Esse histórico do ensino da Sociologia no Ensino Médio Brasileiro construiu um percurso que dificultou a produção de metodologias e materiais pedagógicos para a disciplina. O Ensino da Sociologia, alinhado com metodologias e temáticas alinhadas com a EDH é um campo, por exemplo, que pode e precisa ser bastante explorado e, por isso, essa pesquisa se torna tão relevante. A união entre essas duas áreas é de extrema importância para a formação integral das/os estudantes. Ambas as áreas possuem características complementares que podem enriquecer a experiência educacional e contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências essenciais.

Vale destacar que, no currículo oficial mais recente que temos, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), para o Ensino Médio, o ensino da Sociologia, perdeu espaço entre as disciplinas obrigatórias, o que compõe a Formação Geral Básica, sendo contemplada com os conteúdos, mas não necessariamente com o profissional especializado na área. Em Belo Horizonte, por exemplo, uma grande rede de ensino particular retirou da 1ª e 2ª série do Ensino Médio, logo após a aprovação da nova BNCC, o Ensino das Artes, e da 1ª série o ensino da Filosofia. Na rede pública de Minas Gerais, durante os anos de 2021 e 2022 também presenciamos a retirada de algumas disciplinas do currículo. Cabe a cada rede de ensino, seja ela particular ou pública definir seu currículo, possibilitando ou não o ensino de determinadas disciplinas.

Outra questão importante, que a nova BNCC nos apresenta, é que um profissional formado em determinada área de ensino, como as Ciências Humanas, tem a autorização para lecionar todas as outras disciplinas de sua área. No caso da Sociologia, a disciplina compõe a área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, junto de História, Geografia e Filosofia. Isso quer dizer que um mesmo profissional está “habilitado” a lecionar todas essas matérias, de acordo com as habilidades definidas pela BNCC. Mais uma vez cabe lembrar que essas são diretrizes gerais, mas que cada estado deve gerir da forma como achar melhor, dentro de sua realidade. O estado de Minas Gerais, por exemplo, em seu currículo (Resolução SEE Nº 4.777,

13 de setembro de 2022) define a necessidade de que o profissional seja habilitado para as disciplinas, que já compunham a grade curricular: Matemática, Física, Química, Biologia, Língua Portuguesa, Inglês, Educação Física, Artes, História, Geografia, Filosofia e Sociologia. Contudo, para as novas disciplinas que vieram a integrar o currículo, qualquer profissional da área poderia assumir a disciplina. Ou seja, como dito anteriormente, o que queremos apontar com todos esses desdobramentos da BNCC, do Novo Ensino Médio e dos currículos é a disputa por espaço e por um lugar diante das/os estudantes, um confronto que envolve questões políticas importantes dentro da formação da sociedade brasileira.

Para a BNCC, a sociologia é compreendida como uma ciência que deva fornecer saberes para as/os estudantes no sentido de compreender melhor os fenômenos sociais, compreendendo a sociedade como:

A sociedade, da qual faz parte o indivíduo, consiste em um grupo humano, ocupante de um território, com uma forma de organização baseada em normas de conduta responsáveis por sua especificidade cultural. Na construção de sua vida em sociedade, o indivíduo estabelece relações e interações sociais com outros indivíduos, constrói sua percepção de mundo, atribui significados ao mundo ao seu redor, interfere e transforma a natureza, produz conhecimento e saberes, com base em alguns procedimentos cognitivos próprios, fruto de suas tradições tanto físico-materiais como simbólico-culturais. A forma como diferentes sociedades estruturam e organizam o espaço físico-territorial e suas atividades econômicas permite, por exemplo, reconhecer os diversos modos como essas sociedades estabelecem suas relações com a natureza, incluindo-se os problemas ambientais resultantes dessas interferências. (Brasil, 2017, p. 553).

Em outras palavras, o que esta sessão nos mostra é que a Sociologia no Ensino Médio enfrenta um cenário de constantes disputas por espaço no currículo escolar, reflexo de mudanças políticas e educacionais no Brasil. Essa realidade complexa e fragmentada traz desafios para a efetiva produção de metodologias e materiais pedagógicos específicos para o ensino de Sociologia, prejudicando a formação integral e crítica das/os estudantes. A valorização da Sociologia, aliada a abordagens de Educação em Direitos Humanos (EDH), é essencial para ampliar a compreensão dos fenômenos sociais e das relações entre indivíduos e sociedade. Na próxima sessão apresentaremos uma metodologia da EDH importante para estar junto da sociologia, na busca de uma formação realmente emancipadora (FREIRE, P., 2018) para estudantes.

2.1 EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: AS OFICINAS PEDAGÓGICAS

No memorial apresentado nesta pesquisa, comento como foi a Educação em Direitos Humanos que me levou para a sala de aula. Mas o que de fato seria uma Educação em Direitos Humanos?

Para compreendermos essa pergunta, é importante entendermos o que são os Direitos Humanos. Basicamente, podemos entendê-los como direitos fundamentados em valores que prezam pelo convívio harmônico e democrático de uma sociedade, como justiça, diversidade, equidade e solidariedade (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948). Isso porque esses direitos determinam que toda e qualquer pessoa, sem exceção, deve ter uma vida digna e os seus direitos fundamentais respeitados.

Sendo assim, a efetivação dos direitos humanos possibilita a promoção da justiça e da paz social, sendo um importante instrumento na busca pela autonomia e pelo desenvolvimento humano de todos, especialmente de grupos marginalizados e discriminados socialmente. Nesse sentido, é preciso que os valores e princípios dos direitos humanos sejam internalizados, de modo a construir uma cultura democrática e de respeito à diversidade.

Para isso, a Educação em Direitos Humanos se destaca como de vital importância, pois permite que os processos educacionais estejam vinculados ao ensino e à aprendizagem desses valores. Conforme expressa Dias (2017), a EDH pode ser entendida como uma proposta educativa a partir da articulação entre duas áreas do conhecimento: a educação e os direitos humanos.

De maneira geral, os direitos humanos se consolidaram no contexto pós-segunda Guerra Mundial, em que a comunidade internacional reconheceu a necessidade de estabelecer normas e princípios universais nos âmbitos sociais, políticos, civis e culturais para garantir a paz mundial e o respeito à dignidade de todos. Com isso, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) foi proclamada em 10 de dezembro de 1948, enfatizando, entre outras previsões, a necessidade do compartilhamento dos direitos humanos e seus valores:

A ASSEMBLÉIA GERAL proclama a presente DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS como o ideal comum a ser atingido por todos os povos e todas as nações, com o objetivo de que cada indivíduo e cada órgão da sociedade, tendo sempre em mente esta Declaração, se esforce, através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades, e, pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e internacional, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva, tanto entre os povos dos próprios Estados-Membros, quanto entre os povos dos territórios sob sua jurisdição (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Os artigos 26 e 29 da DUDH nos mostram que o direito à educação estabelece relações com o desenvolvimento da personalidade individual e um conjunto de deveres para com a comunidade, como o respeito às diferenças.

Já no preâmbulo da DUDH nos são apresentados dois princípios para a EDH: a consciência universal da dignidade humana, inspirando toda a humanidade ao respeito e à promoção aos direitos humanos, e que a não garantia institucional dos direitos humanos pode gerar insatisfação da sociedade e, conseqüentemente, a desestabilização política.

O documento ainda nos diz sobre quem deve garantir primordialmente a EDH para toda a população: o Estado. Por meio de políticas públicas, é responsabilidade dos governos implementar iniciativas que assegurem a proposta educativa dos direitos humanos, assim como a adoção de medidas legislativas e administrativas, inclusive a adequada formação continuada de educadores. É ainda função do Estado garantir ambientes favoráveis e seguros para a EDH.

No caso do Brasil, a EDH começa a ganhar destaque nas décadas de 1960 e 1970, com a articulação de um grande movimento nacional de contestação da Ditadura Militar que questionava e denunciava uma série de violações da dignidade humana e lutou pela garantia dos direitos humanos (MONTEIRO, 2005). Ela segue ganhando destaque na Constituição Federal de 1988, que estabelece como um dos objetivos principais da educação o preparo para o exercício da cidadania.

Candau e Sacavino (2013), nos alertam sobre os desafios da EDH no Brasil, inclusive para a formação de profissionais da educação. Segundo as autoras, os principais desafios se relacionam com:

- a) apresentar aos estudantes as bases dos direitos humanos, seu significado e importância;
- b) assumir uma concepção de educação em direitos humanos e explicitar o que se pretende atingir em cada situação concreta,
- c) articular ações de sensibilização e de formação,
- d) construir ambientes educativos que respeitem e promovam os direitos humanos,
- e) incorporar a educação em direitos humanos no currículo escolar,
- f) introduzir a educação em direitos humanos na formação inicial e continuada de educadores,
- g) estimular a produção de materiais de apoio.

Estes, talvez, sejam os principais desafios para que possamos implementar a EDH efetivamente nas salas de aula em nosso país. Especificamente no Ensino da Sociologia, um

dos pilares importantes que sempre trago a EDH para as aulas, seria trabalhar uma educação voltada para a valorização e o respeito das diversidades na sociedade, começando pelas temáticas escolhidas para serem trabalhadas.

A educação em direitos humanos pode ser definida como um conjunto de atividades de educação, de capacitação e de difusão de informação, orientadas para criar uma cultura universal de direitos humanos. Uma educação integral em direitos humanos não somente proporciona conhecimentos sobre os direitos humanos e os mecanismos para protegê-los, mas que, além disso, transmite as aptidões necessárias para promover, defender e aplicar os direitos humanos na vida cotidiana. (NAÇÕES UNIDAS, 2006).

Dessa forma, a ONU nos ajuda a entender que uma educação em direitos humanos estimula atitudes, comportamentos e valores importantes para que cada ser humano possa se desenvolver e ter pleno acesso a seus direitos, tendo suas diferenças respeitadas e suas igualdades garantidas. Sendo assim, os conteúdos de sociologia podem e devem abarcar tal perspectiva.

A escola demarca uma importante fase na socialização de uma pessoa, podendo ser responsável por processos de identificação e reconhecimento. E por isso insistimos na escola como um espaço oficial para se trabalhar uma socialização intercultural, que respeite as diferenças. No entanto, é preciso reconhecer que ela não está e nem deve estar sozinha neste processo. Ela está mergulhada em uma sociedade com várias outras estruturas que podem auxiliá-la, como por exemplo os movimentos sociais, as religiões, as próprias famílias, as redes sociais e os meios de comunicação em geral.

De alguma maneira, a proposta de unir a sociologia e a EDH é construir uma sugestão de como os docentes possam trabalhar temáticas muitas vezes polêmicas, como por exemplo, gênero e sexualidade, processos de gentrificação, política partidária de esquerda/centro/direita, a partir de uma educação intercultural, dentro da perspectiva do diálogo com e entre as diferenças (ANDRADE, 2015). Outro fundamento que nos guia para essa construção são os direcionamentos que nos dão a Educação em Direitos Humanos, o que significa trabalhar uma educação voltada para a valorização e o respeito das diferenças na sociedade, começando pela sala de aula. Contudo, muitas vezes temos dificuldade em encontrar essa articulação metodológica durante a nossa formação, mas para a minha surpresa, encontrei as Oficinas Pedagógicas que, ao nosso ver se encaixam perfeitamente com a aproximação da EDH com o ensino da sociologia.

Andrade e Lucinda (2001), defendem a ideia de que a proposta das oficinas é trabalhar com uma ideia de educação relacionada ao fazer manual, a um processo de aprendizagem em

que cada participante contribui para o processo e se estabelecem compromissos práticos a fim de impactar positivamente a sociedade. A palavra oficina traz a ideia de um processo de aprendizagem dentro de um espaço artesanal, em que todas/os participantes estão envolvidas/os na construção de um objeto ou de um saber. É um espaço compartilhado em que novas pessoas aprendem a fazer com pessoas já experientes. (Andrade & Lucinda, 2001).

As oficinas se estruturam de uma forma em que um coordenador ou um grupo de facilitadoras/es junto ao/à coordenador/a convidam a todas as pessoas a se envolverem na temática por meio de 3 importantes momentos:

1º momento - Sensibilização: busca-se introduzir o tema proposto, identificando o conhecimento prévio das/dos participantes e a experiência sobre o tema já vivenciadas pelas participantes.

2º momento - Aprofundamento: esta é a etapa em que novos conceitos serão apresentados. Outras fontes são oferecidas para que o diálogo seja cada vez mais interessante. É importante destacar que: *em processos educativos promovidos junto a educadores populares, quanto mais o saber sistematizado (ou teorizado) estiver relacionado com a vivência prática dos sujeitos, mais facilmente os educandos se movem em direção ao conhecimento que se quer construir* (Jares 1999; Gonzales 1999 Apud Andrade & Lucinda, 2001, p. 23).

3º momento - Compromisso: Esta é uma das etapas mais importantes das Oficinas Pedagógicas e talvez um dos principais motivos pelo qual escolhemos esta metodologia para desenvolver este produto final. O compromisso é um momento em que todas as pessoas participantes da oficina estabelecem metas e tarefas a serem cumpridas no intuito de impactar positivamente a sociedade em relação à temática da oficina.

Cabe destacar que cada um destes momentos é adaptado à realidade de onde o projeto está sendo desenvolvido. A partir de cada realidade local, inclusive do perfil dos estudantes, pensa-se em recursos diferentes e específicos.

Um dos grandes desafios é pensar na construção dessas oficinas, respeitando as especificidades da sala de aula, ou seja, aulas de 50 min por semana. O ideal é que as oficinas não ocorram de forma pontual, ou seja, uma única vez, mas que seja oferecido um ciclo de oficinas para as pessoas participantes. Assim sendo, os resultados alcançados podem ser muito mais efetivos, uma vez que esse é um exercício, muitas vezes, de desconstrução de paradigmas e de valores que têm sido apreendido durante muito tempo. Uma única oficina possivelmente não conseguiria ser efetiva para essa desconstrução.

Na seção a seguir apresentaremos de que forma as Oficinas Pedagógicas nos auxiliaram na construção do Mapeando Minha Quebrada.

2.2 PRÁTICAS EM CONJUNTO ENTRE A EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E O ENSINO DA SOCIOLOGIA

Nesta seção, gostaríamos de apresentar um exemplo de uma prática em que faz brilhantemente a união da EDH junto ao ensino da sociologia: o mapeamento sociocultural do território onde a escola está localizada, com o uso da metodologia das oficinas pedagógicas.

Como citamos na introdução, o Mapeando Minha Quebrada é um projeto desenvolvido nas aulas de sociologia do Ensino Médio, como objetivo construir debates com estudantes sobre Cultura, Sociologia Urbana e Identidade, a partir da construção de mapas socioculturais e afetivos, do território onde a maior parte dos/as estudantes residem.

Com este projeto, é possível trabalhar diferentes conteúdos da Sociologia, contudo, durante o ano de 2023, o trabalho se deu com estudantes do 1º ano, sobre Cultura e Sociologia Urbana, para assim proporcionar que os participantes conhecessem as manifestações socioculturais do seu território, materiais e imateriais, e os patrimônios culturais, assim como também conhecer a história de construção da favela onde residem e debater sobre o preconceito que a sociedade tem sobre as favelas e suas manifestações socioculturais. Cabe destacar que durante o ano de 2023 o projeto foi implementado na EE Geraldo Jardim Linhares, localizada em uma das principais favelas de Belo Horizonte, a Cabana do Pai Tomás.

O projeto também possibilita um trabalho interdisciplinar com as disciplinas de História, Geografia e Projeto de Vida e diversas outras disciplinas. Em 2022 também tive a oportunidade de trabalhar com a professora de inglês, que auxiliou estudantes na tradução dos mapas e informações construídas sobre a favela onde residem, no caso, Cabana Pai Tomás.

Cabe destacar que a construção de mapas socioculturais e afetivos busca acessar os sentimentos por intermédio de desenhos, metáforas e palavras, direcionando uma compreensão da relação da pessoa com o entorno físico, fundamentada em Vigotski (2001), considera os afetos como parte do subtexto da linguagem. Para entendermos o relacionamento entre as/os moradoras/es de um espaço, torna-se necessário entendermos sua base afetivo-volitiva. Entendemos, então, que os mapas afetivos podem ser um caminho para alcançar o sentido que está velado nos significados dos locais de moradia e da construção que a cidade faz com suas áreas periféricas. Eu, enquanto professor de sociologia de áreas periféricas, percebo o quanto é importante construir uma imagem positiva sobre as favelas, principalmente para a auto estima de suas/seus moradoras/es.

É de extrema importância que a/o jovem conheça a região em que mora, sua história, moradores e moradoras, além dos principais serviços culturais disponibilizados, como ONGs, tendas culturais, centros culturais e outros, bem como os serviços sociais, como postos de saúde, escolas, pontos de ônibus, praças e quadras poliesportivas. Conhecer sua região possibilita explorá-la cada vez mais e criar laços importantes com as pessoas e locais da região. Essa rede construída pelos jovens é de extrema importância para o seu desenvolvimento enquanto pessoa e cidadão e também para o desenvolvimento da região.

O mapeamento permite que as áreas, até então desconhecidas, saiam da invisibilidade e passem a ser reconhecidas como áreas que pertencem à cidade e que, portanto, fazem parte integrante dela.

Espera-se com este projeto que estudantes conheçam a história do seu território, assim como as principais manifestações socioculturais, e não só valorizem o local onde moram, assim como percebam o território como importante construção identitária de suas/seus moradoras/es e todo o processo político relacionado à construção das cidades. Como objetivos específicos, é importante que estudantes conheçam os conceitos de Cultura, Cultura Material e Imaterial, Patrimônio Cultural, Culturas Periféricas, Favela, a História do Cabana Pai Tomás, História da cidade de Belo Horizonte e desenvolvam habilidades relacionadas ao respeito às diferenças, valorização de sua história de vida, assim como sua identidade, além de que estudantes desenvolvam também habilidades como pesquisa científica – revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, entre outras. É um projeto que possibilita muitas frentes de trabalho, trabalhando assim diferentes habilidades e conteúdos da sociologia. Cabe ao professor, identificar junto à estudantes, quais são os objetivos que a turma buscar desenvolver.

A melhor forma de desenvolver o Mapeando Minha Quebrada, se dá por meio de Oficinas Pedagógicas, metodologia já apresentada anteriormente:

As oficinas se estruturam de uma forma em que o/a educador/a convida estudantes a se envolverem na temática por meio de 3 importantes momentos:

1º momento – Sensibilização: No caso do Mapeando Minha Quebrada, a sensibilização se dá por meio de um jogo e um vídeo. O Jogo é na verdade uma cartela de Bingo, na qual apresenta 25 perguntas sobre o território, e aqueles estudantes que conseguirem responder as perguntas de uma linha ou coluna completas, ganha. Cabe destacar que muitas das perguntas podem ter respostas pessoais, o que faz sentido a partir do momento em que a proposta é exatamente destacar o saber que estudantes trazem consigo, como por exemplo, *Qual o lugar com a vista mais bonita?* – o que deve ser destacado para estudantes que são elas e eles as melhores pessoas para apresentar o lugar onde moram.

Figura 2 - Cartela de Bingo

Qual o lugar com a vista mais bonita?	Quantas pessoas moram no Cabana?	Existe alguma vereadora ou vereador que apoia o Cabana?	Existe algum terreiro de umbanda na região?	Qual o grafite mais bonito na região?
Por que o nome Cabana Pai Tomaz?	Quais as escolas estão dentro do Cabana?	Existe algum poema ou música que fala sobre o Cabana?	Existe alguém na região que já publicou um livro?	Onde fica a Associação de morador@s do Bairro?
Quem é a pessoa mais velha da região?	Qual o melhor lanche da região?	Diga 5 artistas da região.	Qual é na sua opinião a melhor coisa da região? O que todo mundo deveria conhecer.	Quando foi construída a primeira casa do Cabana? Onde foi?
Para que serve o CRAS?	Qual o melhor posto de saúde da região?	Existe algum terreiro de candomblé na região? Quais?	Por que o nome Favela?	Por que o nome da Escola Estadual Geraldo Jardim Linhares?
Qual o lugar onde as pessoas jovens do bairro gostam de aproveitar?	Existe alguma escola de samba ou grupo de quadrilha na região?	Existe alguma ONG na região?	Quais são as vilas/favelas que fazem parte do Cabana?	Dicas 3 locais de cultura na região?

FONTE: Arquivo pessoal

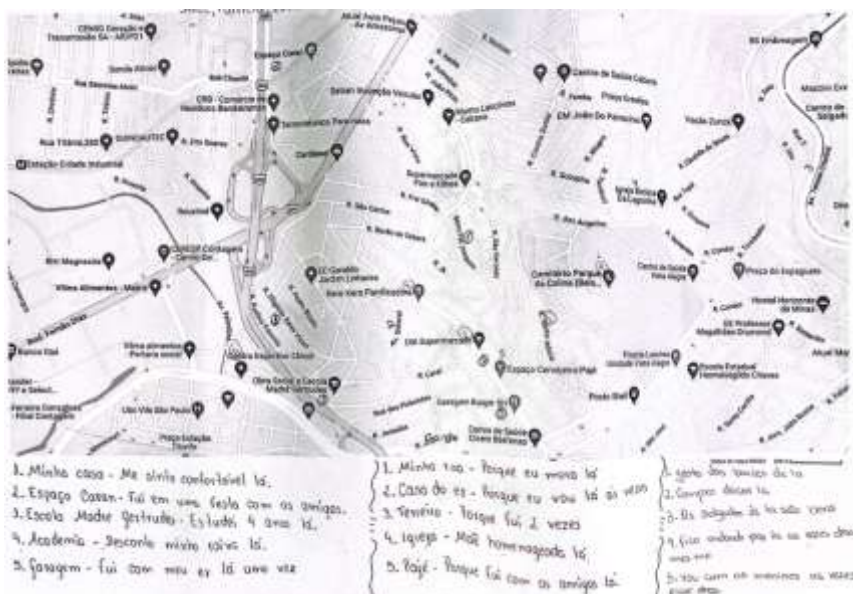
A partir do Bingo e das respostas de estudantes, várias discussões podem ser feitas, inclusive, compreender que mesmo sendo perguntas sobre o local onde estudantes moram desde que nasceram, muitas informações são desconhecidas, seja pelo preconceito, seja pela dificuldade que a escola tem em receber esses conteúdos nas suas disciplinas, muitas vezes sabemos mais sobre território onde não estamos e provavelmente nunca iremos conhecer, como os países europeus, mas sobre o nosso próprio território, sabemos pouco ou quase nada de sua história. Dessa forma, esta atividade provoca em estudantes a necessidade de construir debates e informações sobre a favela/território onde residem.

Outra importante ferramenta para a sensibilização, é o episódio Correio, da série Cidade dos Homens (CIDADE DOS HOMENS, 2002). Basicamente, o vídeo retrata a dificuldade da entrega das cartas aos moradores de uma favela do Rio de Janeiro, por não possuir localização e endereços nas casas, tornando impossível o trabalho do carteiro, gerando muito incômodo na população. Acerola e Laranjinha dois amigos, acabam conhecendo a realidade dos mapas, e inclusive a falta de visibilidade das favelas nos mapas. Os dois então propõem a construção do mapa do seu território, o que acaba por promover vários debates, mas que agrada a toda a comunidade, proporcionando assim que o carteiro consiga realizar o seu trabalho.

2º momento - Aprofundamento: Dessa forma, o aprofundamento do projeto, se dá por meio de pesquisas realizadas junto a estudantes, de forma a conhecer as informações que não foram possíveis de serem respondidas na sensibilização. Essa etapa deve ocorrer, preferencialmente, convidando pessoas da comunidade/território que tenham maior

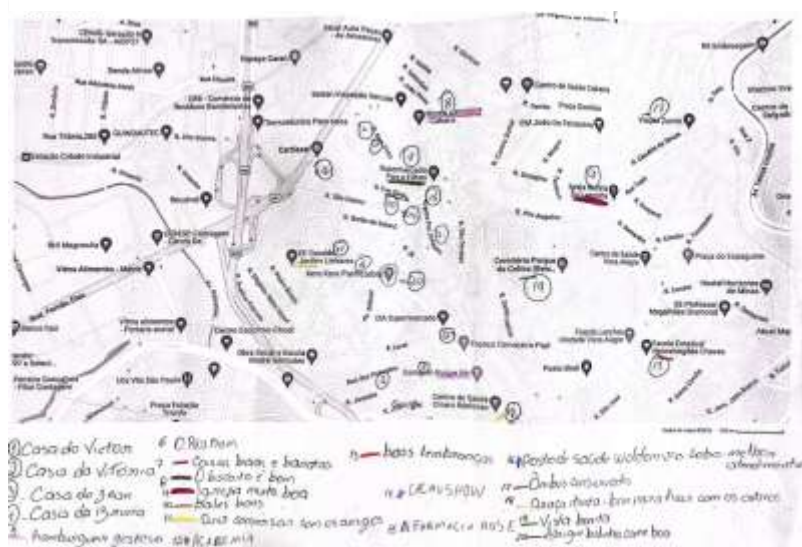
conhecimento sobre sua história, assim como artistas e/ou pessoas pesquisadoras sobre a região. A partir da coletânea das informações, estudantes são convidados/as a registrar no mapa os principais pontos identificados durante suas pesquisas, bem como as respostas inseridas na cartela do Bingo:

Figura 3 - Mapa construído por estudantes



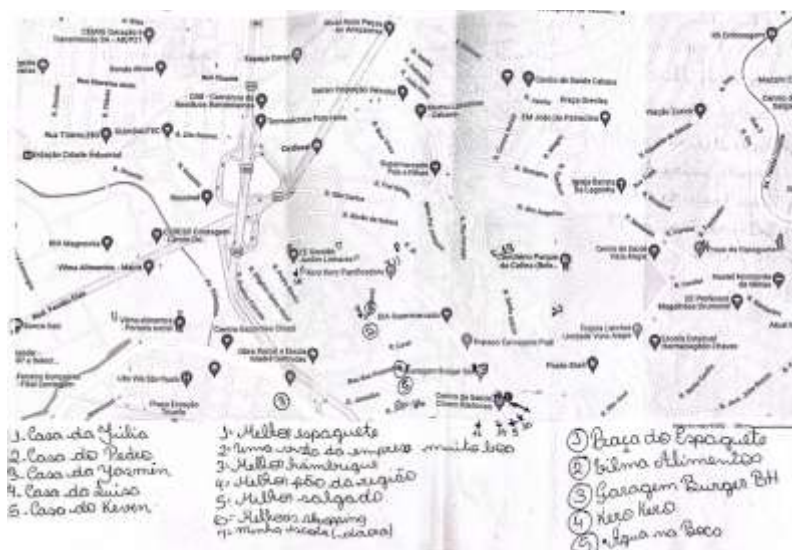
FONTE: Arquivo pessoal

Figura 4 - Mapa construído por estudantes



FONTE: Arquivo pessoal

Figura 5 - Mapa construído por estudantes



FONTE: Arquivo pessoal

Figura 6 - Mapa construído por estudantes



FONTE: Arquivo pessoal

3º momento - Compromisso: O compromisso para o Mapeando Minha Quebrada é de grande relevância, uma vez que estudantes poderão produzir textos sobre o seu território, demonstrando assim todo o conhecimento desenvolvido durante o projeto, assim como também sensibilizando outros moradores sobre a importância de valorização do território e suas

manifestações socioculturais, a partir de uma linguagem bastante acessível. Nesta etapa, um outro produto que pode ser construído com estudantes é um postal, em que elas/es deverão apresentar uma foto do seu território, e uma descrição de, no mínimo, 10 linhas, indicando o que está na foto e porque a imagem representa o seu território.

Figura 7 - Fotografia e texto produzidos por estudantes.



FONTE: Arquivo dos estudantes

Essa é a pracinha dos cachorros, conhecida com esse nome mesmo. Moro desde quando era bebê, particularmente não gosto de mora aqui devido uso de drogas, mas sou grata a cada experiência vivida. Minha família mora aqui desde os anos 90. Era um beco, depois foi transformada numa rua e nome dado como pracinha dos cachorros. (estudante, 1º ano do Ensino Médio)

Figura 8 - Fotografia e texto produzidos por estudantes.



FONTE: Arquivo dos estudantes

Avenida Amazonas, tirei essa foto da janela do meu serviço, em frente tem uma lanchonete, do lado tem uma loja de colchões, tem também uma concessionária, de um lado e do outro tem 2 pontos de ônibus, um supermercado, lojas de roupas, perto tem também uma ponte. (estudante, 1º ano do Ensino Médio).

Figura 9 - Fotografia e texto produzidos por estudantes



FONTE: Arquivo dos estudantes

Essa foto do Cabana representa o dia em que teve a passeata em homenagem a um menino de 18 anos morto por um p2 (policial). Ele foi golpeado várias vezes até ficar inconsciente, dentro da padaria 24 horas, onde logo em seguida entra um policial que não presta socorro para ele que estava desacordado. Com isso toda a comunidade ficou indignada e fizeram a passeata em homenagem a esse menino que era tão querido por todos. (estudante, 1º ano do Ensino Médio)

Figura 10 - Fotografia e texto produzidos por estudantes



FONTE: Arquivo dos estudantes

No cabana do Pai Thomas temos vários locais famosos. Na rua 7 de setembro, temos: a padaria da Irene (que veio a falecer), a padaria foi muito importante para os moradores. Seus pães, era os melhores da região, seu pão de queijo era o melhor. Na mesma rua temos o salão dos irmãos, são 19 anos cortando cabelo da galera. Na rua independência temos também vários locais, como o supermercado Pais e filhos, também temos o união. Tem também o famoso bar do petisco. Na rua São Geraldo, temos uma igreja muito famosa. Esses são uns dos locais mais famosos docabana. O cabana em si, é um bairro muito bom de se viver, um bairro que tem sua dignidade. (estudante, 1º ano do Ensino Médio)

Figura 11 - Fotografia e texto produzidos por estudantes



FONTE: Arquivo dos estudantes

Cabana do Pai Tomas. A favela começou a surgir e a expandir – se em agosto de 1963 quando um grupo de homens, mulheres e crianças invadiram e derrubaram uma área plantada de eucaliptos que, supostamente, pertencia ao empresário e deputado Federal Antônio Luciano Pereira Filho 1, A Cabana do Pai tomas fica próximos dos bairro vista alegre, Nova Cintra, gameleira e entre outros, ela esta localizada na zona oeste de Belo Horizonte e contem mais de 70 mil habitantes, sendo considerada uma das favelas mais povoadas do Brasil. (estudante, 1º ano do Ensino Médio)

A partir da produção de estudantes, é possível organizar na escola, ou Centro Cultural da região, uma exposição com as fotografias e textos que estudantes produzirem.

A avaliação é processual, e importante estudantes compreenderem a importância da participação de todos os processos, não necessariamente pela nota, mas pela possibilidade de construir algo que se relaciona com a construção de sua identidade. Cabe destacar que este projeto deverá ocorrer prioritariamente, após ter trabalhado Processo de Socialização.

Por se tratar de um projeto grande, tomando praticamente as 8 aulas de todo um bimestre, a avaliação ocorre processualmente com a entrega de cada um dos produtos (Bingo, Mapa, Texto sobre o Cabana, Fotografia e descrição), ao mesmo tempo que é muito importante em todas as aulas abrir o debate e conversar com estudantes sobre cada etapa, de forma a monitorar se o projeto está conseguindo alcançar os objetivos propostos.

A partir de todos os pontos levantados durante a pesquisa, apresentados aqui, podemos então chegar a algumas reflexões sobre o trabalho em conjunto da EDH e do ensino da sociologia. No próximo capítulo, apresento pontos que não buscam concluir, mas abrir o debate.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “Mapeando Minha Quebrada” é um projeto que tenho muito amor e carinho e ao mesmo tempo, me trouxe muitos ensinamentos sobre a importância da escola ser um espaço em que estudantes sejam os reais protagonistas do processo de aprendizagem. Foi com ele que descobri uma forte estratégia de reconstruir junto a estudantes uma relação saudável com a escola, com a sala de aula e com as professoras/es.

Durante todo o processo, muitos são os momentos que identifico potências no que é feito em sala de aula e fora dela. Inclusive, fico muito feliz em perceber que essa nova relação com a educação formal se dá por meio das aulas de Sociologia, inclusive mostrando para estudantes a importância do saber presentes em espaços além dos muros da escola.

No início do projeto, é muito comum ouvir estudantes depreciando seu território e inclusive nos questionando: “Por que aprender sobre o lugar onde eu moro, só tem coisa ruim!”. E então, no fim do projeto, estudantes já falam orgulhosos sobre sua “quebrada”. A maior dificuldade em todo o projeto está no processo de desconstrução de preconceitos, o que não é fácil, e muitas vezes, dependendo da escola, é difícil achar pessoas aliadas, como professoras/es que nos apoiem.

Como apresentei na introdução, este é um projeto que se iniciou em 2016, e desde então, sempre tenho desenvolvido as atividades nas escolas onde atuo como professor de sociologia. É um projeto que pode ser replicado em qualquer território, desde “quebradas”, favelas e espaços periféricos, como espaços elitizados. Em todos esses territórios há a presença de muitas manifestações socioculturais, afetos, preconceitos, violências, resistências... enfim, muitos temas para as nossas aulas de sociologia!

A sociologia por si, já abarca em sua estrutura curricular diversos temas relacionados aos Direitos Humanos, logo, a correlação entre essas duas esferas pedagógicas é algo bastante possível e presente nas salas de aula. Ao abordar as estruturas sociais, as relações de poder, e as dinâmicas culturais e econômicas, a sociologia oferece uma base teórica e prática para a compreensão dos direitos humanos. Contudo, a EDH nos faz um convite de que nas aulas de sociologia possamos não só abordar temas importantes para que estudantes conheçam os Direitos Humanos, sua trajetória e importância, como também pensar em como construir um espaço de aprendizagem que abarque o respeito às diferenças. Vera Candau (2013), nos propõe um desafio:

Estamos como educadores e educadoras desafiados/as a promover processos de desconstrução e de desnaturalização de preconceitos e discriminações que impregnam, muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil, as relações sociais e educacionais que configuram os contextos em que vivemos. A naturalização é um componente que faz em grande parte invisível e especialmente complexa esta problemática, que invade e povoa nossos imaginários individuais e sociais em relação aos diferentes grupos socioculturais. Trata-se de questionar esta realidade. Também é fundamental desvelar e questionar os sentidos de igualdade e diferença que permeiam os discursos educativos. Outro aspecto imprescindível é problematizar o caráter monocultural e o etnocentrismo que, explícita ou implicitamente, estão presentes na escola e impregnam os currículos escolares. (Candau, 2013, p.246)

A sociologia, como disciplina, tem o objetivo de analisar criticamente as estruturas sociais, questionando a naturalização de desigualdades e preconceitos. O ensino da sociologia na escola oferece aos alunos ferramentas para compreender e questionar as normas sociais, culturais e educativas que perpetuam a discriminação e o etnocentrismo. Isso é essencial para promover uma visão mais crítica e inclusiva da sociedade, incentivando os estudantes a reconhecerem e questionarem as desigualdades e diferenças que permeiam os discursos educativos e sociais.

A sociologia também desenvolve junto a estudantes habilidades que lhes permitem problematizar e questionar inclusive os espaços deducionais, propondo a valorização da diversidade cultural e a desconstrução de um currículo que privilegia apenas uma perspectiva. Ao explorar conceitos como igualdade, diferença, etnocentrismo e multiculturalismo, o ensino da sociologia desafia os alunos a refletirem sobre como esses conceitos são aplicados (ou não) no ambiente escolar e na sociedade em geral. Assim, a sociologia unida à Educação em Direitos Humanos, se torna uma ferramenta fundamental para promover a conscientização e a transformação social, esse *feliz encontro* entra o ensino da Sociologia e a Educação em Direitos Humanos nos possibilitam, acima de tudo, a construção de sujeitos mais conscientes de sua historicidade e de suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marcelo. **É a educação um direito humano? Em busca de razões suficientes para se justificar o direito de formar-se como humano.** Educação. Porto Alegre, p. 21-27, 2013.
- ANDRADE, Marcelo., & LUCINDA, Maria da Consolação. **Oficinas pedagógicas em Direitos Humanos: uma aposta de formação política com grupos populares.** In V. M. Candau, S. Sacavino (Orgs.). *Educar em Tempos Difíceis: construindo caminhos.* Rio de Janeiro: 7 Letras. 2001,p.253-272
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação & Sociedade**, v. 33, p. 235-250, 2012.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; SACAVINO, Susana Beatriz. Educação em direitos humanos e formação de educadores. Educação, v. 36, n. 1, 2013.
- CIDADE DOS HOMENS (Temporada 1, ep. 3). Lost [Seriado]. Direção: Fernando Meirelles, Kátia Lund, Paulo Morelli e Regina Casé. Rede Globo, 2002. (31 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v= Q36TWZgt5A&ab_channel=MegaS%C3%A9ries. Acesso em 14 de set. de 2024.
- DE ALMEIDA, Cristovao Domingos; OLIVEIRA, Simone Barros; BRUM, Letícia Souza. Da comunicação não-violenta à cultura de paz: círculos, narrativas e contribuições. *Revista Observatório*, v. 5, n. 4, p. 463-480, 2019.
- DIAS, Diego Corrêa Lima de Aguiar. *Direitos humanos em sala de aula : a compreensão de professores sobre a aliança entre as suas disciplinas escolares e a EDH / Orientador: Marcelo Gustavo Andrade de Souza ; co-orientadora: Vera Maria Ferrão Candau. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2017.*
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da libertação em Paulo Freire.** Editora Paz e Terra, 2018.
- FURLANI, Dias Daniela & BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz (2010). **Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos.** *Psicologia & Sociedade*, 22(1), 50-59.
- LAPA, Fernanda Brandão; BAIL, Suiany Zimmermann. Educação em Direitos Humanos e a BNCC: pontes possíveis. **Revista Debates Insubmissos**, v. 5, n. 17, p. 100-125, 2022
- MARTINS, G. de A.; THEÓPHILO, C. R. *Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas.* 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.
- MONTEIRO, A. *A educação em direitos humanos no Brasil.* Duque de Caxias, 2005.
- NEM, Prepara. Por que transvestigênera? Indianara explica! 14 dez. 2015. <https://www.facebook.com/PreparaNem/posts/1698719687008538/>. Acessado em 16 de set. de 2024.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acessado em 20 de set. de 2024.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Icaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa bibliográfica, pesquisa bibliométrica, artigo de revisão e ensaio teórico em administração e contabilidade. **Administração: ensino e pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 2018.

UNESCO. Plano de Ação da Terceira Fase (2015-2019) do Programa Mundial para Educação em Direitos Humanos. Brasília, 2015. 56 p. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000147853_por?1=null&queryId=a26344ac-96e7-4f88-aaf7-43c2e9779373. Acessado em 23 de set. de 2024.

UNESCO. Educação para o Desenvolvimento Sustentável: um roteiro. Brasília, 2021. 67 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000378650?1=null&queryId=101281b9-dc45-4c58-a42d-7c8a5d94f7c6>. Acessado em 23 de set. de 2024.

UNESCO. Educação para os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: objetivos de aprendizagem. Brasília, 2017. 62 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000252197>. Acessado em 23 de set. de 2024.

UNESCO. Educação para o desenvolvimento sustentável na escola: ODS 4, educação de qualidade. Brasília, 2020. 71 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000375079>. Acessado em 23 de set. de 2024.

UNESCO. Paz, como se Faz? Semeando cultura de paz nas escolas. Lia Diskin e Laura Gorresio Roizman (Orgs.). 4. ed. Brasília: UNESCO, Associação Palas Athena, Fundação Vale, 2021. 232 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379604?1=null&queryId=55672fb8-5632-4acc-8218-086803683a66>. Acessado em 23 de set. de 2024.

UNESCO. Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília, 2015. 44 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311?1=null&queryId=f36ebdb5-206f-4bcf-8974-22240d750590>. Acessado em 23 de set. de 2024.

UNESCO. Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Brasília, 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acessado em 23 de set. de 2024.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. (2001). **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes.

